

A VIDA DE MINAS

REVISTA QUINZENAL ILUSTRADA

ANNO I

Nº 25



Belo Horizonte, 15 de Julho de 1915

Preço \$500



42841

C. 1716-001

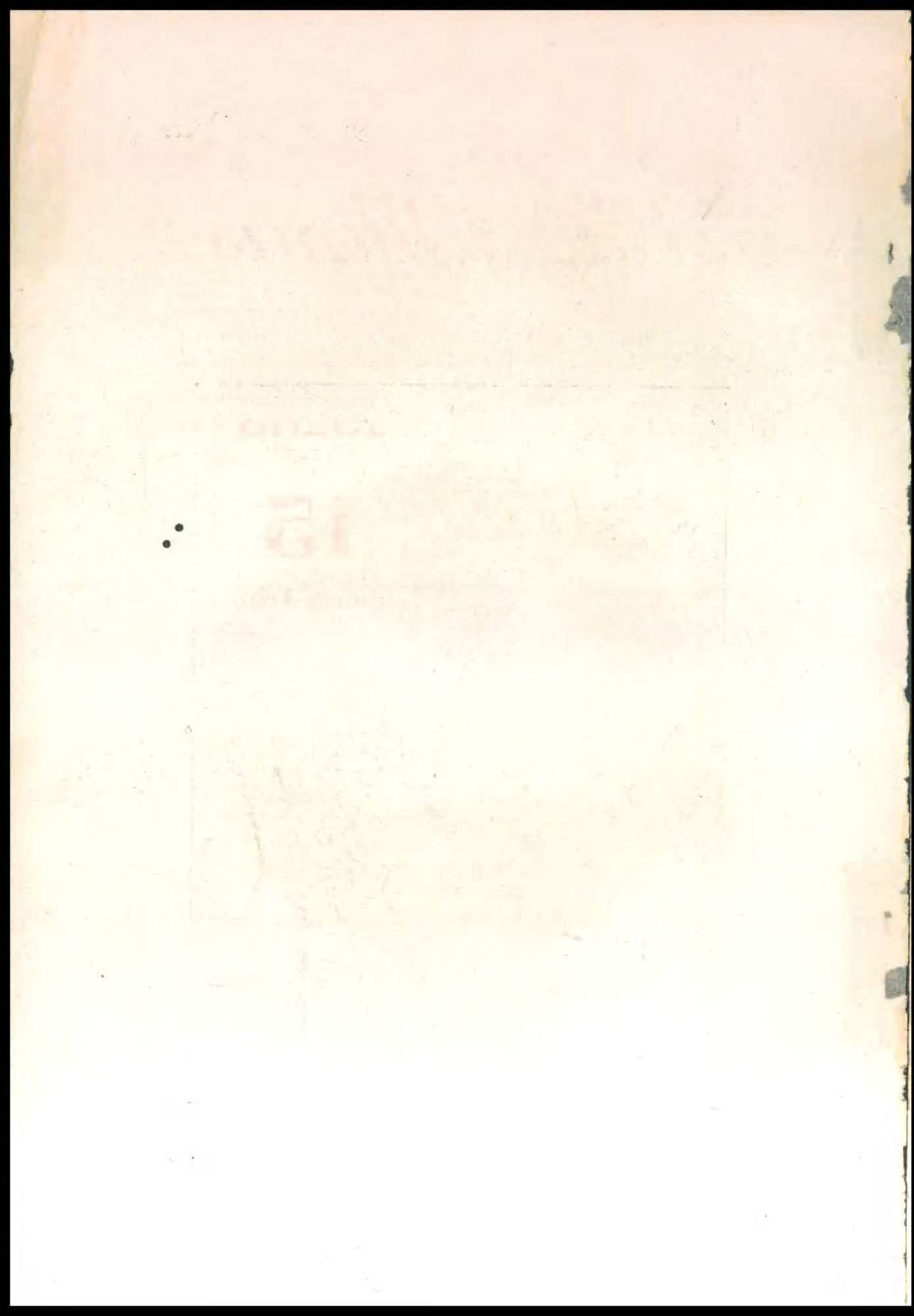
1915. 07. 15

Revista nº 1

Vida de Minas 2º exemplar



SENHORITA MARIA AUXILIADORA DE LIMA



Vida de Minas

Director : Cysalpino de Souza e Silva

Collaboradores diversos

Anno I [] BELLO HORIZONTE, 15 DE JULHO DE 1915 [] Num. I

JUNHO

1915

15

Sexta-Feira

JULHO

1915

15

Quinta-Feira

† Desapparece da circulação a revista "Vida de Minas" que tinha como proprietário o sr. Alfredo Jorge da Silva e como collaboradores alguns mortaes de espirito e um pequeno numero de immortaes.

A revista viveu o curto espaço de seis mezes, e as dividas que contrahiu neste minguido prazo, apesar da acceitação que teve por parte das poucas pessoas que sabem ler nesta terra provam bem a nenhuma capacidade do seu proprietario para administrar publicações de tal genero.

Era seu director intellectual o sr. Cysalpino de Souza e Silva, moço de real talento, que só se incommodando com a parte espirital da revista, como era seu dever, não sabia que, devido á impericia dos seus administradores, a publicação se endividava a ponto de não poder mais solver com gallardia os seus pesados compromissos.

O proprietario de "Vida de Minas" assistiu ao descredito da revista sem poder remedial-o e, estribado em falsos direitos (o que é desculpavel em pessoa leiga na materia), pretendeu prohibir que mãos mais habeis reerguessem a defunta revista e, mais ainda, que se fizesse qualquer publicação com egual nome.

... E assim desapareceu a revista "Vida de Minas".

Apparece em circulação a revista "A Vida de Minas", tendo como proprietario o sr. Cysalpino de Souza e Silva, e como collaboradores alguns mortaes de espirito e um pequeno numero de immortaes.

A revista viverá por longo tempo, e as dividas que contrahir saberá solvel-as. A acceitação que tem tido por parte das poucas pessoas que sabem ler nesta terra e o tino do actual proprietario em administrar publicações deste genero são as melhores garantias do seu futuro.

E' seu director intellectual o sr. Cysalpino de Souza e Silva, moço de real talento, que se incommodará, não só com a parte espirital da revista, mas saberá também, com pericia de administrador, zelar pelo bom nome desta publicação solvendo com gallardia todos os seus compromissos.

O proprietario d'"A Vida de Minas" fará tudo pelo credito da nova revista e, estribado em verdadeiros direitos (o que não se admira em pessoa que conhece leis), publicará a "A Vida de Minas", não pretendendo de modo algum reerguer a defunta "Vida de Minas" nem fazer publicação com egual nome.

... E assim apparece a revista "A Vida de Minas".

Felipe de Souza

Vida de Minas

EXPEDIENTE

A *Vida de Minas* tem a sua redacção e administração á rua Rio de Janeiro n. 615, devendo ser dirigida toda a correspondência a Cysalpino de Souza e Silva.

Publica-se, quinzenalmente, todos os dias 1 e 15 de cada mez.

Acceita agentes devidamente afiançados em todas as localidades mineiras.

ASSIGNATURA

Anno..... 11\$000
Semestre..... 6\$000
Numero avulso.... \$500

REPRESENTANTE GERAL

O sr. Amador Bueno Horta, residente na cidade de Campanha, fica auctorizado a viajar pelo sul do Estado, a serviço desta revista, podendo estabelecer agências, de accordo com a administração, em todas as cidades principaes.

«*“Vida de Minas”* é, sem favor, a melhor publicação do genero que tem apparecido em Minas Geraes e rivaliza, tanto na feitura material, de apurado labor artistico, como na parte litteraria, indiscutivelmente bem cuidada, com as mais estimadas revistas do Rio e de São Paulo».

A convicção de que esse elogio não é favor, de uma parte, e, de outra, o sentimento da responsabilidade moral que me prendeu a esse magazine, desde o dia em que assumi o encargo de ser o seu director intellectual, fizeram com que me resolvesse a editar de agora em diante *“A Vida de Minas”* sob minha absoluta responsabilidade.

Não foi sem grandes reluctancias e sem escrúpulos muito fundados que consenti se alliasse o meu humilde nome, desconhecido completamente no meio intellectual mineiro, a uma iniciativa promettedora, recebida com as maiores demonstrações de sympathia do nosso mundo culto.

Sem ter querido, ou antes, sem haver conseguido deixar a penumbra em que viveu sempre o meu nome, dirigi a *“Vida de Minas”*, litterariamente, durante seis mezes, recebendo, em todo esse meio anno, provas as mais inequivocas de que a orientação que lhe procurei imprimir, desde o começo, e que foi sempre mantida, agradou sobremaneira aos leitores.

No dia de apresentar ao publico uma revista que vae ser editada sob a minha exclusiva responsabilidade, sinto-me no dever de declarar que continuarei a manter, apri-

morando-o cada vez mais, o mesmo bom gosto artistico de *“Vida de Minas”*, em seus brilhantes seis mezes de existencia, e — na sua parte litteraria, a mesma elevação aristocratica das melhores publicações deste genero, de sorte a tornal-a o expoente maximo, dia a dia mais verdadeiro, da cultura da nossa terra.

O labor material das paginas d'*A Vida de Minas* obteve agora penhor seguro de successo no auspicioso facto, que devo comunicar desde logo aos leitores, de se terem comprometido a prestar-lhe o concurso inestimavel de seu talento de escolá os dois distinctos artistas Luis de Soto e J. M. Retes. Ao primeiro, já bastante conhecido no nosso meio, está confiada a direcção artistica da revista; o ultimo, cujos magnificos trabalhos illustram varias paginas deste numero, é um photographo habillissimo, desses que, rarissimos no Brasil, se convenceram de que a photographia é uma verdadeira arte e das mais bellas, e não a reduziram á mesquinha condição de simples industria de tirar retratos.

Quanto á parte litteraria, poucas vezes terá conseguido outra publicação reunir a sympathia amiga, o valioso apoio de tão escolhidos espiritos. E, de vez que me referi a este facto, quero valer-me da oportunidade para, terminando esta breve apresentação d'*“A Vida de Minas”*, affirmar que, no momento de decidir entre continuar a editar esta revista com os pesados encargos e grandes sobresaltos só conhecidos de quem trabalha na imprensa, e voltar-me para a doce paz tranquilla e despreoccupada em que vivia antes de ser chamado a dirigir a *“Vida de Minas”*, todos os argumentos mais fortes, todas as mais fortes considerações que me impelliam a inclinar-me para a escolha do segundo alvitre passaram muito menos do que a irresistivel attracção que eu sentia pelo convívio de intellectuaes mineiros, pelas relações de amizade mais ou menos intimas estabelecidas com os collaboradores por mim mesmo seleccionados.

O ideal que sempre animou o meu trabalho de simples organizador de revistas é procurar approximar, cada vez mais, os espiritos de eleição da nossa terra. Assim, pois, aqui fica exposta, ainda uma vez, a lembrança de se organizar, quanto antes, o cenaculo dos nossos collaboradores — *“alguns mortaes de espirito e um pequeno numero de immortaes”*, como disse Felix d'Arruda — estabelecendo-se definitivamente um ponto favorito, onde se possam reunir, ameudadas vezes, para alguns minutos de vida espiritual.

Cysalpino de Souza e Silva

VULTOS EM FÓCO



Coronel José Domingos Machado

Para a homenagem de hoje, vamos buscar na formosa cidade de Ponte Nova — onde o circumdam o respeito e o affecto colectivo — um homem que representa o esforço triumpante e a honradez victoriosa: o coronel José Domingos Machado.

Bem raros adquirem direito a preitos de tal ordem, como o portador desse nome reverenciado, individualidade distincta, que se firmou no conceito publico por uma serie luminosa de actos de perseverança no trabalho e de benemerencia desprendida.

Portuguez de origem, veio muito criança para o Brasil, elegendo a cidade de Ponte Nova tenda de seus labores, para mais tarde amal-a como terra de seu berço e offerecer-lhe o concurso de sua intelligencia vivaz e a actividade de seu espirito progressista. Nessa cidade, atirando-se ao trabalho com desassombro, conseguiu adquirir fortuna e impor-se á admiração geral, conquistando ao mesmo passo um nucleo honroso de excellentes amisades.

A frente de quantos empreendimentos efficazes e promissores apparecem em Ponte Nova, é de ver o auxilio valioso do coronel José Domingos Machado, a quem notadamente as industrias muito e muito devem naquella terra.

Director da Agencia do Banco de Credito Real em Ponte Nova, o honrado cavalheiro, pela sua actividade admiravel e intenções sempre nobres, tem extraordinaria parte no florescimento satisfactorio daquelle estabelecimento, que, sem mentir aos seus fins, se tornou um dos propulsores mais decisivos daquelle municipio da Matta.

Quem apresenta tão fortes e singulares credenciaes á estima e ao conceito do publico honrado, bem merece a homenagem que hoje lhe tributa esta revista.

Minha avó, que sempre teve
A verdade em alto preço,
Disse que foi companheira
De uma moça que eu conheço.

Filho de Dona Maria

Eu tenho a pessima mania de fazer castellos. E os senhores pensam por acaso que eu procuro bases solidas para construil-os? Pois estão enganados. Qualquer cousa me serve. Vejam. Haverá nada mais problematico que uma sorte na loteria? Pois creiam que sobre cada bilhete que compro (e todos os dias eu me habilito, como se diz) construo castellos.

Bem; conhecida minha mania, vamos ao caso:

Fui outrodia apresentado a uma moça no cinema. Achei-a linda. Trocamos algumas palavras. Ella começou depois a observar as fitas e eu zás (não se assustem) comecei... a fazer castellos.

Em poucos minutos, estava casado com ella.

Já tinha palacetes... automoveis... um filhinho de nariz muito sujo a estender os bracinhos muito gordos... Já tinha tido tres ou quatro «pégas» com a minha sogra e lá ia eu...

De repente notei que me tocavam no braço. Era ella.

—O que deseja? perguntei baixinho.

E a dona dos meus castellos, a moça mais bonita que eu conheço, perguntou-me o que eu preferia: — ser padre ou ser pyramide do Egypto.

Na hora em que ella me fez esta pergunta eu devorava minha sogra para recommear a nossa lua de mel.

E' assim que meus castellos desabam...

TERTULIAS

Bello Horizonte, — toda a gente o sabe, — não se diverte.

Quem se lembra das corridas do Prado, das festas do Parque, das retretas das Praças, das boas *soirées* dansantes, fica a pensar com tristeza que *tout passe*.

Hoje, quem trabalhou valentemente o seu dia, e deseja uma hora de recreio, só tem um recurso: tomar o chapéu e ir bocejar para os cinemas.

A's nove horas, voltará para casa, pensando, com aquella heroína de Bourget, que "*pas la peine d'être Américaine pour ça*".

Agora, porém, alguns moços de boa vontade romperam na deliberação de reagir contra isso. Fundou-se o Club Academico.

E o Club Academico vae abrir, ou antes, marcar, a sua «Hora Artistico-Literaria», durante a qual a nossa sociedade, esquecida da poeira, ouvirá as bellas coisas que lhe têm sido recusadas.

Logo depois, secundando o Academico, vem o Club Bello Horizonte.

Para toda a gente elle era um Club ao mar.

De ha muito, cessára as suas partidas e só alguns moços iam lá para uma hora somnolenta de *pocker* ou para o cafésinho das oito horas que, nem toda a gente sabe, é o melhor do mundo.

E só. Mas fundou-se lá a Secção do Xadrez. Movimentou-se a associação, entraram novos socios e o reboliço que por lá vae é de renascimento, em que estão empenhados muitos dos nossos melhores nomes. E tambem aquelle Club vae organizar as suas Tertulias. A primeira dellas está para breve e será uma homenagem a um grande artista morto. Trata-se de um caricaturista primoroso, filho deste meio e que depois de muito viajar veio aqui morrer. Cioso de seu nome e da sua obra, acabou no mesmo silencio mysterioso que guardou na vida. Sabe-se que esse homem original, de poucos amigos, teve dois delles, absolutamente dedicados — Camillo Filho e Justino Carneiro, aos quaes deixou, na sua grande pobreza, o pouco que tinha e que é muito: o seu testamento e os seus calungas.

Esses amigos do artista, convidados pelo Club Bello Horizonte, incumbir-se-ão da piedosa tarefa de sua glorificação posthuma. Justino Carneiro, que guarda o espolio do morto, incumbir-se-á da exposição delle. Camillo Filho, a quem confiou o artista, o seu testamento, procederá á leitura do mesmo, falando do homem, de sua vida e da sua obra.

NOTAS SOCIAES



Senhorita Lucia Pinheiro

Uma carta

O dia em que o director desta revista fez uma declaração pelo *Minas Geraes* de que ia assumir a responsabilidade de editá-la foi um grande dia de festa para os que verdadeiramente se interessam pela cultura e pela grandeza de nossa terra.

A carta publicada abaixo, recebida do illustre intellectual mineiro dr. Aurelio Pires, é um preciosissimo documento do alentador movimento de sympathia provocado por aquella declaração.

«Meu ca o Cysalpino.

Sua declaração de 4 do corrente, inserta no *Minas Geraes*, promettendo o reaparecimento da *Vida de Minas*, trouxe-me um grande conforto moral e causou-me a mais viva alegria.

Seria realmente doloroso assistirmos ao apagar-se de uma *Vida* que despontára tão cheia de promessas e que se ia desenvolvendo tão garridamente.

O que ella teve, porém (graças aos nunes protectores das letras), foi uma *crise de crescimento*, transposta a qual vel-a-emos ostentar, com um novo brilho, as louçanias de uma adolescencia bizarra e gentil.

CONGRESSO MINEIRO



Aspecto da parada militar realizada pelo 1.º batalhão da Força Publica no dia da abertura do Congresso

Quando, ha vinte e sete annos, o vigoroso escriptor portuguez, Ramalho Ortigão, visitou o Brasil e publicou as impressões recebidas do nosso paiz na *Revista de Portugal*, sob o titulo *O Quadro social da Revolução Brasileira*, — uma das faltas particularmente sensíveis que elle notou no regimen de nossa mentalidade foi a de uma grande *Revista* que, resumindo mez a mez o movimento intellectual da nação, a sua historia economica, politica e literaria, fornecesse um nucleo de opinião desinteressadamente informada e esclarecida, mandando da capital aos confins do paiz e transmittindo de espirito a espirito, a mais aguda, a mais vibrante nota do pensamento nacional.

O jornal propriamente dito, — disse elle, — versando em grande parte sobre questões de um interesse restricto a determinadas zonas de familiaridade intellectual, é insufficiente para a circulação das idéas em regiões tão vastas como as que abrange o Brasil.

A *Revista* é a forma periodica mais util aos Estados de grande extensão geographica. Dahi a importancia que sempre têm tido as publicações dessa ordem na Inglaterra e na

Russia. Foi por uma grande *Revista* que, durante vinte e cinco annos, sob o imperio tão despotico e tão repressivo do czar Nicolau, se espalharam na Russia muitas idéas justas, e poudo o habitante longinquo do Ouesk e de Tobolsk ler as novellas de Dickens e de George Sand dous mezes depois de ellas terem apparecido em Londres ou em Paris.

Sendo este, pois, o papel social de uma *Revista* bem feita, é o caso de congratular-me com meus patricios pela continuação da *Vida de Minas* e de abraçar effusivamente seu incansavel e sympathico director.

Vale et memento mei.

Aurelio Pires

Julho — 8 — 1915.

A vida é uma tragedia para aquelle que sente e uma comedia para aquelle que pensa — *La Bruyère*.



Panorama da cidade de Santa Rita do Sapucahy

Os novos

Gastão Itabirano

Só agora me vem de mão falar do "Pollen". Creio que ainda é tempo. Dahi, é sempre tempo de falar a gente de um livro, sobretudo quando elle é de versos e o seu autor tem vinte e cinco annos.

A critica indigena deu desse livro o devido relato. E, no farto commentario que variou em torno d'elle, calou um traço, a meu ver, essencial, para a sua exacta apreciação. O "Pollen", livro de estréa, é um livro da mocidade de Gastão Itabirano. Entra na sua composição, como elemento fundamental expressivo, uma grande porção dessa dõse de animalismo que caracteriza a adolescencia. Esse dado explica, elle só, a lyrica dos poemas, excusa porventura o pessoalismo da obra.

Não é um livro donde se possam tirar as linhas constitutivas da physionomia intellectual do autor. E' apenas o reflexo esthetico de uma phase critica, de uma época de indecisões, de um simples *estar*, para adoptar

uma formula familiar a um amigo meu, lido em Kant.

Esse amigo, com quem convivi nos tempos da Academia, tinha, para seu uso, uma série de formulas excellentes, em que se comprazia o seu espirito de synthese.

Essa sobre o *estar psychico*, que me lembra agora, a proposito, enfeixa, com precisão, no seu laconismo, toda a seriação de phenomenos psychicos instaveis, que movimentam o periodo da formação do character. A obra produzida nessa phase, faltarão, pois, fatalmente, unidade e direcção; e nunca, por boa que seja, dará a medida exacta do que o autor é, senão os dados provaveis do que elle será.

Esses dados ahi estão : obejando no "Pollen"

..

Delletrado o volume, não se encontra nelle, de certo, nenhum poema que revele uma arte amadurecida e pensada, ou a inspiração larga e superior das grandes theses. Gastão Itabirano é um lascivo emocional : a sua poetica resente-se toda daquelle animalismo de que se falou acima. Instinctiva de mais para poder fixar qualquer impressão de ordem objectiva, atém-se, antes, a per-

spectiva, de certo mais restricta, mas, nem por isso, menos suggestiva, do seu mundo interior.

E assim, si perde em interesse, ganha em qualidade, revelando, á exuberancia, caprichos de technica e formas de expressão, que vão rareando na poetica indigena.

O elemento musical é uma das características do "Pollen". Os poemas primam nelle pela disposição polyphonica das vogaes, que se succedem numa cadencia agradável de canção. Dir-se-ia que, em Gastão, o trovador é maior que o poeta. Mas não o desdoura; apenas, precede-o, com dons de simplicidade lyrica, que a sua cultura humanista deficiente não lhe permite, por emquanto, affeioar á sua esthetica.

Por agora, é essa graça lyrica que salva no livro a insensatez de muito poema, totalmente destituído de sentido, coisa em que muito se comprazem os poetas de agora. Nesse sentido, pode-se dizer que Gastão

apenas fez echo em Minas ao artificio e á pedanteria de um grupo, a que se poderia chamar, sem exagero, o grupo do "Fon-Fon" !

Esses, felizmente poucos, vivem neste meio e escrevem esta lingua. Mas imbuidos de um super-nacionalismo pretencioso, desleixam os nossos mestres e as nossas coisas, para pautar a sua poetica pela de Laforgue e de Verhaeren e para cantar Bruges, que muitos delles nem nunca viram.

E' o que se chama fazer versos por um oculo, como, outro dia, dizia Belmiro Braga a Vinício da Veiga, a proposito de litteratura regional. Isso, para não falar no desconexo dos poemas, na incongruencia das ideias, defeitos com que vão calumniando os mestres que dizem lh'os haver ensinado.

Salvo um criterio muito plausivel em verso, que, em verso, todo o criterio é bom: o da simples sensação da Belleza. Nesse caso, não ha como invocar aquella phrase com que a

PELO SUL DO ESTADO



Um aspecto do jardim municipal de Santa Rita do Sapucahy



Vista de Santa Catharina, districto de Santa Rita do Sapucahy

tenacidade romantica de Barbey d'Aurevilly rematava a sua profissão de fé no *Rideau Cramoisi*:

«Je ne dis pas que cela n'est pas insensé, puis que cela est inutile, mais c'est beau comme tant des choses insensés.»

E terão feito a sua defeza.

Julho. 915.

A. Camillo Filho

O Major teve sempre umas fumaças de Mecenas. Disse-se sempre um ardoroso protector dos poetas, dos prosadores, dos artistas do pincel e do som, um amante apaixonado dos homens de talento.

— Deixem lá falar, affirmava elle: a intelligencia é a unica hierarchia que ha na terra. Aqui onde me veem, sou capaz de tirar o pão de minha bocca para mitigar a fome de um artista. Quando quiz me casar, não busquei formosura, fortuna, nem posição social: procurei mulher intelligente e illustrada.

O Major era assim, e assim é, com a graça de Deus e a condescendencia publica.

Ha dous annos, esteve nesta cidade uma poetisa de fama. O mundo juvenil cumulou-a de applausos, de flores, de reverencias.

O Major rejubilava-se, acompanhando a poetiza em suas visitas pela Capital. O Mecenas não cabia em si.

Afinal, offereceu-lhe uma recepção em sua residencia.

A illustre familia do Major acolheu com extrema honra a dignataria do Verso.

O Major enchia a sala de recepção com o rumor de sua voz pastosa e lenta.

Num momento, o Major referiu-se á quadra de suas nupcias e procurou precisal-a em linguagem preciosa.

— Não sei bem si meu enlace se deu pelo tempo placido da Primavera ou si no fulgor abrazante do verão. Vem-te accaso á memoria a quadra tão feliz, Marianninha?

—Eu acho que foi por *voria das colêta...*

X.



A GRANDE
GUERRA

Embarque de reservistas italianos que desta Capital partiram a tomar parte na guerra européa, a chamado da patria. Aspecto colhido pelo nosso photographo no caminho da estação.

«**Para mim,** basta um sujeito ser inteligente para ter todas as outras boas qualidades...»

Eis o commentario frio de um intellectual que defendia, num café, o nome de Gilberto Amado, unanimemente estigmatizado pelos demais companheiros como o de um homicida cobarde.

E, enquanto, em volta,—depois dos violentos protestos que provocou essa afirmação insolente,—todos commentavam Annibal Theophilo e a sua bella alma altiva e cavalheiresca de poeta de raça, alguém se esforçava por affastar da mente uma sinistra idéa de fazer psychologia comparada e procurava esquecer-se de uma approximação de espiritos, de uma afinidade de character odiosa, mas existente, entre um dos do grupo e o parlamentar assassino.

Não levamos a nossa repulsa ao asserto audacioso ao ponto de negar todas as outras qualidades a quem não paga suas dividas, como faz um commerciante muito nòso conhecido, que diz sempre:—«Para mim, o sujeito pode ter o talento que tiver: si não paga as suas contas, é *vurro*.»

Não vamos até lá. Mas de um extremo ao outro ha um abysmo.

A prova é que um homem desses que conseguem arrastar após a sua fama, por extraordinarios dotes intellectuaes, a admiração dos contemporaneos, nem sempre merece ser apontado como exemplo aos nossos filhos.

Quando queremos um typo modelar, procuramos homens que se recommendem mais pelas qualidades moraes, pela robustez e pela virtude de um character de boa tempera, do que pelos refulgentes brillos de um espirito privilegiado, ephemeras phosphorescencias que apenas estão para a nossa alma como os vestidos e os atavios para o ser physico. Pois, si é verdade que muita vez a intelligencia serve de guia á alma humana para fazel-a boa e dotada de todos as qualidades que podem exornal-a, o mais commum é encontrar-se, (*vanitas vanitatum...*), tristes exemplares da nossa especie, cujas forças intellectivas, por um pouco mais desenvolvidas, offuscam ou obliteram completamente as demais qualidades da alma!

Herculano teve para estes uma phrase causticante, quando interpellou o monstro informe da soberba, dizendo:—«Orgulho humano, que és tu mais: feroz, estúpido ou ridiculo?»

Não basta ser intelligente para possuir todas as outras qualidades, pois é entre os mais intelligentes que se acham os mais terriveis egolattras, e os egolattras se esquecem de que devem ser bons e de que devem ser leaes, porque se julgam superiores ao resto do mundo, enthronados na montanha da sua gloria.

Foi ao egolatria que Herculano perguntou: «que és tu mais: feroz, estúpido ou ridiculo?»

Devotamento

Jamais um desgraçado incompreendido
No conceito dos outros hei de ser ;
Que não passo de louco ou de fingido
O meu mais intimo prefere crer,
Porquê, para melhor te merecer,
Me afasto sem pezar de impuros laços,
Evito os e brios, fujo dos devassos,
Com desfarçado, ingenito rancor,
E, todo, guardo-me para os teus braços,
Guardo-me todo para o teu amor.

Porém, que importa que eu não seja crido...
Que este divino modo de querer
Não seja pelos homens entendido
E motejos eu tenha de soffrer ?
Não ! Nunca mais elles verão descer
Meus abraços buscando outros abraços,
Minha mente deixar seus regios paços,
Nem minh'alma seu rutilo esplendor,
Porque me guardo só para os teus braços,
Guardo-me todo para o teu amor !

Embora pela duvida ferido,
Sempre firme e sereno me hão de ver:
Não mostro compostura de vencido,
Tenho orgulhos e gloria em meu viver
E não me deixo subito abater,
Fraqueza alguma ha de alterar-me os traços
Porque ha um só coração em dois pedaços
A palpitir em nós com o mesmo ardor
E eu vivo a me guardar para os teus braços,
Guardo-me todo para o teu amor !

OFFERTA

Santa exilada dos azues espaços,
Anjo da Guarda, guia de meus passos,
Immaculado e purificador...
Sem esperar consolo de teus braços,
Guardo-me todo para o teu amor !

Annibal Theophilo

Notas sociaes

No dia de seu anniversario natalicio, transcorrido a 17 do mez passado, recebeu a senhorita Antonieta Moreira, filha do sr. Presidente do Estado, innumeradas felicitações de suas amiguinhas.



PELO CORREIO

Sr. Olavo (Capital) — De duas vezes, recebemos trabalhos seus e, por nimia benevolencia, lhes demos publicidade, não sem, préviamente, os escoimar de attentados, aliás innocentes, contra as amigas, suas e nossas, regras de bom viver, aconselhadas pelos mestres grammaticos aos que querem iniciar carreira na literatura. Da ultima, para nos justificarmos perante o leitor da nossa complacencia, que elle, inexoravel, raramente perdôa, occorreu-nos dar ao seu escripto a sombra protectora de um titulo cheio de poesia.

Cumprindo com o dever de trazer ao seu conhecimento a genese desse formoso titulo, avisamos-lhe que, ao creal-o, estava longe de nós, muito longe, a idéa de reservar á sua collaboração uma nova secção permanente da revista, assim como está agora longe de nós, infinitamente longe, a idéa de vir contribuir

para que o amigo, que tantas aptidões aproveitaveis revela nesses trabalhos, por força de nossa franqueza, abandone de todo os seus mais que promissores ensaios literarios.

Nascemos nas lagrimas, vivemos no sofrimento, morremos na dor. — Santo Agostinho.

E' a propria gente de casa
Que taes cousas diz, assim,
Pelos labios de teu primo
Soube que usavas carmin.

Felipe d'Amorim

A estatua fala, mas fala como uma interjecção, que apenas expressa um sentimento vago, indefinido, momentaneo — Latino Coelho.

Dous poemas hindús



Rabindranath Tagore

O premio Nobel, no penultimo anno, foi descobrir para nós na India mysteriosa, apontando-o alto á reverencia admirativa do mundo, um poeta cuja lyra, pela suavidade de seus carmes e profundeza de pensamento, guarda e repete os mais expressivos e sonoros rumores dos rios occultos do sentimento e da harmonia. Rabindranath Tagore é esse extranho cantor, profundamente mysterioso: a nota dolorida soluça na fluencia cantante de todas as suas poesias, ungidas e illuminadas sempre por um halo de bondade translucida e infantil; mas a dôr que o inspira é a grande dôr sem vozes que acabrunha e abate a alma, descobrindo o espirito. O seu verso limpido não decae nunca na rhetorica, por que é traçado sempre para ser sentido por todos.

Não será sem interesse, mesmo porque ha de causar deleites, transcrever-se aqui dous poemas, adaptados á forma portugueza pelo dr. Placido Barboza. A traducção dá idéa do que são as poesias desse assombroso peregrino do Verso, uma vez que consorcia á elevação grandiosa do Pensamento a doçura enlevadora de uma *Berceuse*.

NAS CER

« De onde vim eu, onde me achaste tu ? », perguntava o menino á sua mãe.
E entre falando e rindo, ella respondeu, apertando-o nos braços :
Tu estavas, como um desejo, escondido em meu coração ;
Eras a boneca com que eu brincava em criança ; e as lindas figuras de santas que me encantavam e que eu beijava, eras tu ;
Estavas no mesmo altar do meu Deus ; adorando-o, era a ti que eu adorava ;
Vivias nas minhas esperanças, em tudo que eu amava, em toda a minha vida ;
Quando meu coração de moça desabrochava, como uma flor perfumada, tu estavas lá dentro.
Teu corpo delicado floria dos meus membros virgens, como o clarão da alvorada antes do despontar do sol ;
Predilecto vindo do céu, gemeo da luz matutina, tu flutuavas na corrente da vida universal e vieste enfim parar neste coração ;
Emquanto contemplo teu rosto, eu me afundo no mysterio ; tu pertences a tudo que se tornou meu ;
Pelo terror de perder-te, eu te aperto contra meu seio.
Que milagre peimittiu a minha fraqueza o poder prender-te em meus braços, thesouro meu !

MORRER

Mãe, é a minha vez de me ir embora ; adeus !
Quando, na claridade triste da madrugada, estenderes os braços para a cama do teu filhinho, eu direi : *filhinho* não está mais ali ; mãe, adeus !
Eu me tornarei no vento brando e te envolverei em caricias ; eu serei as ondulações da agua cristalina em que te banhares ; e dar-te-ei beijos, muitos beijos.
Nas noites escuras e tempestuosas, por entre o ruido da chuva batendo ás folhas das arvores, ouvirás a minha voz, baixinho junto a teu leito ; e com o relampago, pela fresta da janella, o meu riso encherá de vida o teu quarto.
De noite, quando estiveres acordada, pensando no teu filhinho, eu te acalentarei do alto das estrellas, cantando : « Dorme, dorme, mamãe, dorme. »
Irei para tua cama com os raios tranquilllos da lua, e me deitarei sobre o teu seio, emquanto dormires.
Tornar-me-ei em sonho, e me esconderei no mais profundo do teu somno, entrando de mansinho pela pequenina abertura das tuas palpebras ; e quando acordares, afflicta, á minha procura, eu estarei voejando, scintilante, nas trevas, como um insecto luminoso.
Pelas festas do natal, no meio da alegria buliçosa das outras crianças, eu serei a musica que te faz saudades, e tocarei dentro do teu coração o dia inteiro.
E quando os parentes chegarem com os brinquedos e perguntarem « onde está teu filhinho ? » Mãe, tu responderás com doçura : « Elle está aqui nas meninas dos meus olhos, no meu corpo, dentro em minha alma. »





VILLA RICA

Ao Mario de Lima

Por mais que a lima roaz do Tempo te carcoma,
Terás sempre o diadema e a purpura primeva
Da quadra colonial, cahos de luz e de treva,
Donde o teu vulto heroico e legendario assoma.

Teu seio maternal é a inexaurível poma,
Donde mana o licor vital de que se abbreva
A alma das gerações, que em extases se enleva
Nos teus fastos. iguaes aos da Grecia e aos de Roma,

Arcadia do Brasil, tu não morreste ! Ainda
Na altiloqua mudez dos teus êrmos alpestres
As frautas pastoris trillam com graça infinda,

Lembrando o ardente amor dos teus Bardos, meus mestres;
E Marília sorri de novo, airosa e linda,
Com o frescor virginal das Beldades campestres.



Arduino Bolivar





O sr. Raul Mendes, capitalista residente no bairro da Floresta, inaugurou em sua chacara uma capella, no dia de S. João.—Photographias apanhadas nessa occasião.

UM EDUCADOR EMERITO

E UM ESTABELECIMENTO MODELAR

A capital de Minas, no que respeita á instrucção secundaria, aliás como em tudo o que se relaciona com o ensino em qualquer dos tres graus da divisão adoptada, nada fica a dever ás maiores cidades do Brasil, e mesmo, ousaremos affirmar-o sem temor de contestação, ás mais cultas cidades do mundo civilisado.

E tem sido, de facto, principal preocupação dos seus habitantes e das successivas administrações estaduais a dos melhores



Dr. J. T. Wilson Sadler, director do Gymnasio Anglo Mineiro.

estabelecimentos de ensino, como se estivessem todos resolvidos a desenvolver um grande esforço em acção conjuncta para erguer bem alto o nivel da cultura mineira, afim de, por essa obra de alevantado patriotismo, contribuirem todos para a prosperidade de Minas Geraes, prosperidade que se afere sempre pelo desenvolvimento da instrucção publica.

Além das numerosas e reputadas casas de ensino secundario que possuímos, por iniciativa de illustres intellectuaes nossos conterraneos, foi fundada, ha cerca de dois annos, a Sociedade Anonyma Collegio Bello Horizonte, com o fim de tratar da criação de

um estabelecimento modelar, em que houvesse a alliança da instrucção, da educação moral e de cultura physica, pelos mais aperfeiçoados processos da pedagogia moderna.

Para dirigi-lo, impoz-se logo o nome do dr. J. T. Wilson Sadler, velho e conceituado educador americano, que já tem posto em jogo o seu vasto contingente de preparo e de experiencia em beneficio de outros estabelecimentos similares.

A affluencia dos alumnos ao Gymnasio Anglo-Mineiro, e os resultados colhidos por tão benefica instituição neste curto lapso de tempo são a prova mais eloquente de ter a sociedade alcançado plenamente os fins a que o destinava.

Illustram hoje a nossa revista numerosos aspectos do edificio e da vida escolar, apanhados pelo nosso reporter-photographico.

—*—
Não te casas por amor,
Só te casas por dinheiro,
Tu pensas como teu pae,
Que morreu velho e solteiro.

Augusto Gil.

—♦♦—
«**Poemas**» é o livro com que Domingues de Almeida, o incontentado burilador de «Ancia», caminha, serenamente para a Perfeição. Consta de tres partes: Versos de Don Quixote, «Autos de Joseph» e «Elogio dos hospitaes.»

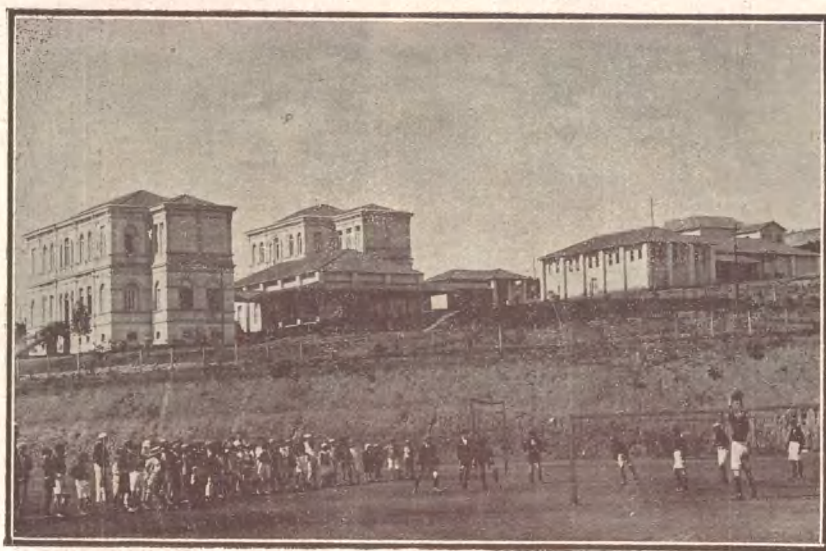
Sahirá brevemente do prelo e lhe será por certo reservada a mesma brilhante recepção que teve a plaqueette de estrêa do moço poeta bahiano.

—♦♦—
Embala a velha o netinho
Rezando as contas do terço :
—Como é longe, como é perto
A sepultura do berço.

—*—
Agenor Barbosa, o festejado poeta mineiro que prestou excellentes serviços á *Vida de Minas*, continúa a exercer o cargo de secretario de redacção desta revista.

O talentoso moço jornalista vae agora dedicar grande parte de sua actividade e os seus melhores esforços ao brilho das paginas d'A *Vida de Minas*.

GYMNASIO ANGLO MINEIRO



1.º Fachadas principais dos dois magestosos pavilhões do Gymnasio Anglo Mineiro.
2.º Flanco esquerdo das instalações e campo de «foot-ball».

Vida de Minas

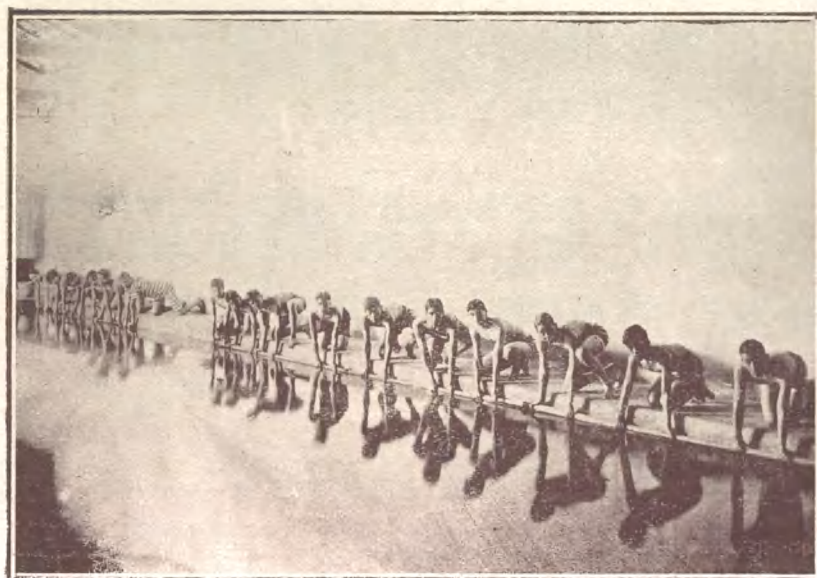
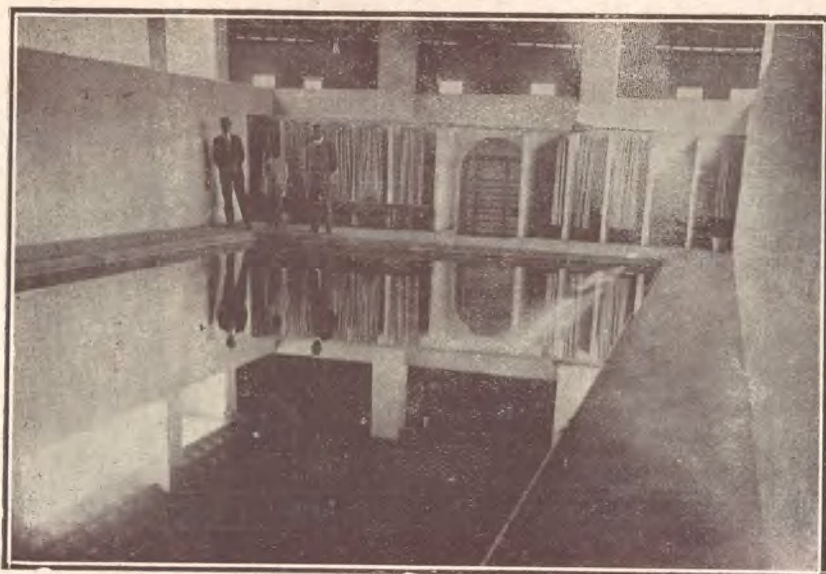
GYMNASIO ANGLO MINEIRO



Exercícios de gymnastica pelos alumnos, no pateo do collegio.

Álbum de Minas

GYMNASIO ANGLO MINEIRO



1.º— Tanque do gymnasio para banhos dos alumnos. 2.º — A hora do banho



BOS

SALVE, meu amigo Boi !

Ave, grande alma da criação ! Fallo a ti, docil animal do labor, manso Boi da charrua ! Eu te saúdo, bíblico colosso, reino da Força, adorável besta ! Eu quizera abraçar-te affectuosamente a corpulencia parabolica para melhor sentir o volume immenso do teu ser, mas, intimida-me esse nobre aspecto e tenho medo da ponta desse corno perigoso com que te defendes, e te livras das adhesões e das moscas como eu importunas.

Por isso é que não ousa me approximar mais para perto da tua magestade excellente e venerabilissima e desta respeitosa distancia te envio os saudaes de minha vassalagem.

Salve, pois, ó Boi manso, cheiroso animal, melancolico ermitão, victima imbelles, symbolo da Fartura, da Fecundidade, do Trabalho, da Resignação e da Paciencia, tres vezes, salve !

Donde vens, qual a tua origem, que importas tu—ninguem o indaga, ninguém talvez o saiba; mas, quem não te contempla maravilhado ? Quem não te admira o porte, a magestade da expressão ?

Eu te adoro: surprehendo-me as vezes em flagrante pratica de paganismo. Dá-me que pensar esse ar sereno de independencia; inveja-me essa força tranquilla; amesquinha-me essa absoluta indiferença com que recebes os meus elogios; abysma-me essa supina, sobrenatural sobranceira com que me fitas. E a contemplar-te, scismo, scismo... Ora parece que vives a arrastar inconsolavel, mas orgulhoso e stoico, a dor de uma realca decaída; ora parece que paira em bemaventuradas, distantes, incognosciveis regiões a tua alma contemplativa; ou dir-se-ia que na tua alma se installou a felicidade absoluta do Nirvana.

Olhas-me com teus grandes, enigmaticos, tristes olhos, com a mesma abstracção dalma com que contemplas, farto, as paysagens em que te recreaste, e trazes-me a recordação dos mythos antigos em que figuras, dos sacrificios de sangue em que baqueavas, á secespita e ao som do abub, de religiões remotas e de raças desaparecidas em que tu te divinistaste.

Não queres saber de elogios... Nada te importa... Tens razão, meu grave, meu penseroso amigo: pedantismos, palanfrorios, esthetica,—dirás tu que não abres a bocca para dizer os dogmas e os preceitos de que pareces recheiado, quanto mais para dizer tolices e velharias. Sim, palanfrorios, esthetica... Desconfias... nem fazes caso. Tens razão. Mas o que faz desconfiar em materia de esthetica é que tudo se demonstra pelo raciocínio, pelo absurdo.

Pois Zenon de Eléa não demonstrou a immobilidade da flecha que vò ? O contrario provar-se-ia com esthetica, mas o que eu quero dizer de ti é um auto de flagrante realidade, é positivo, é incontestavel. Quero fazer encandescer sob as cinzas de tua existencia sem origem os rescaldos da tua divindade decaída. Quero rehabilitar-te, elevar-te á altura de um principio.

Movete a commiserção?... Pudera não ! Mas, além de tudo, ao ver-te, evoco, scismo. Ao ver-te descer ao abatedouro, e baquear sem um mugido, admiro a tua serenidade, causas-me dó e revoltam-me as chascas, as chufas, a canallice dos magarefes que não mais te respeitam e a cuja choupa, rolla hoje, sem mais officios, sem mais pompas, sem mais symbolos, mercantilizada gananciosamente a tua carne, sem mais aquella religiosidade dos ritos de outr'ora, dos sacrificios.!

Tens razão de receber assim com todo o teu stoicismo as minhas saudações: tens todos os attributos de um deus e já foste um deus; já foste Apis; já foste idolatrado no ouro. Já traçaste com Romulo e Remo o perimetro da Cidade Eterna e te riste, como idolo de um povo, da colera de Cambyzes.

Por tua causa a taboa dos dez mandamentos da lei de Jehovah vòu pelos ares em caos, e não sei se tambem dêste motivo para theologias e ritos. Já soffreste um processo em Roma, e já os egypcios te adoraram e te adoraram os hebreus.

E em ti ainda realmente se resumem, nestes tempos de materialismo, de irreligiões, de falsa fé, as mythicas divindades de Pan e de Ceres; és um deus rudimentar, é certo, mas foste com certeza um semi-deus que, numa rapida evolução de crenças, não conseguindo tornar-se de todo invulneravel, incroou na metamorphose e veio até nós dentro dessa pelle infeliz de cornipede pachyderme apenas.

E ha de vir—quem sabe lá se não hão de voltar tão bons tempos—ha de vir algum dia de pura razão e são direitos em que de novo te hão de adorar as turbas com o mesmo culto simples e ingenuo, com a mesma veneração racional e reconhecidos corações com que gentes de alma extraordinaria te veneraram outr'ora.

Com o teu vagar fecundo, com o teu caminhar sereno, collossalmente e mansamente, symbolisando ainda o mais vasto ideal moderno—Trabalho e Paz—arrastas, lento e firme, desde os phenicios, desde os egypcios, desde os brahmanes, a charrua da civilização humana: A Europa—assim como o Oriente—deve particularmente sua civilização transbordante, ao haver encontrado no continente os animaes domaveis, os bois doces, a tua inestimavel força aos teus desthronados attributos de semi-deus que puzeste resignado á disposição das gentes.

Tens a origem incerta, ignorada, de um deus, e sabemos apenas que foi Baccho, muito bebedor, e Sileno, numa grossa pandega, rindo ambos a morrer, agarrados a rabiça, que primeiro te jungiram á relha e te levaram á gleba, com certeza para plantar a vide e ter o vinho de que se não fartavam, os pampanos de que se enfeitavam os thyrsos. E nas primitivas eras, servindo a Ceres, desbravando os alqueives, rasgando o chão da aiveca, abrindo sulcos nas coirellas, semeando a abundância, determinas a posse, e, estabelecendo a propriedade, lanças a semente do direito, os fundamentos da lei.

Vens tambem sacrificado desde antigos tempos, hostia da cordura, de holocausto, mas mesmo no martyrio é que tu és grande: vem a ser o *suo ove taurilia* dos romanos antigos e entre os druidas auguras o futuro.

Desde creança que sou teu admirador, teu amigo; jámais me fartei de te contemplar o magestoso vulto, a singular maneira, o penseroso aspecto de *nephelibata*, e gostava de ver no espelho, ao fundo da tua retina, a mim, de pé no meio dos sitios.

E todas as vezes que te encontro de regresso da redondeza por onde andaste a herborizar, e te vejo assim, extactico, o olhar absorto, a alma abstracta, alheio ás manobras abominaveis da politicagem que nos avilta e á decadencia da religião que te fez hostia de sacrificio nos holocaustos: cada vez mais me capacito, contemplativo Boi, da tua sabedoria innata, dessa sciencia infusa que te traz em profundas meditações philosophicas pelo alto dos morros, ruminando horas e horas, no estudo do herbario, o grande alfarrabio da natureza, de olhos semi-cerrados na assimillação intellectual de quem tem um livro no estomago... ou fixos na vastidão dos panoramas do sertão, reflectindo a desolação dos paramos adustos fluindo a condemnação dos attentados ás florestas, a calcinação dos lacrimaes com a desnudação, a machado e a foice, das vertentes, outr'ora humidas, no pezar do medir diuturno do ciclo das seccas que cada vez mais se dilatam no solo da Patria, victima da politicagem ronceira e do snobismo administrativo.

Nos teus olhos paysagens inteiras se reflectem e vendo-as, reproduzidas lá, na enorme calote convexa dos teus olhos abysmaes, não sei porque evoco hortos hebreus, paginas destacadas da Biblia ou ermos pagãos, vejo n'elles jardins suspensos, alpes, olgas, corbelhas, vejo mesmo os jardins de Megára, e transporto para dentro do teu rotundo bojo com as suas reverberantes cupolas e seus Molochs, a cidade de Hamilcar porque dentro do teu couro enorme embrulhas Carthago, cujas dimensões forneceste a Dido.

«Sempre á fortaleza casa-se a doçura» e é a essas manifestações imponentes do teu ser que eu te adoro e te admiro, e te amo, santa creatura, martyr extraordinario, renunciando Purna!

Eu te contemplo horas inteiras suggestionado, absorto na mansidão infinita de teus olhos de bondade eheios; eu te admiro extatico deante dessa molle immensa de carnes e de musculos de força irresistivel e que tão facilmente, tão docilmente, se deixam vencer e eu te admiro compadecido deante da serenidade immutavel e vagar descuidadoso com que perlustras a vida negra, com que caminhas á sujeição, com que segues para o labor, com que puxas a charrua e os carros rusticos. O' da humilde renuncia com que recolhes os brotos, e ruminas os bolos! O' do perfeito descaso com que vaes para o campo, com que voltas á gleba, soffrendo em silencio o aguilhão do pampilio, arroteando o terreno, perambulando contemplativamente pelas solidões, caminhando philosophicamente para a morte!

Admiro-te, admiro-te manso, negligente colosso! E desde vitello te vejo caminhando, crescendo, crescendo, para matar mil fomes, para satisfazer mil boccas, caminhando para mim inutil creatura, nocivo parasita, que vive dos fortes, que vive do tronco.

Vens crescendo, vens surgindo, vaes te avolumando para a morte serodia, vaes — te aproximando da voragem de tantas boccas... e depois de te haverem privado das criadoras tétas, cuja ordenha — ô engodo, ô malvadez, ô tantalico supplicio! assistes, preso ao pé da amorosa, engodada mãe, cujo leite, aos jactos, te roubam, atiram-te noviço á brutalidade das manadas.

Vaes te internando pelas pastarias ermas, e quanto mais tu te afastas, mais te avolumas, mais te approximas.

Lá estás, lá te vejo, longe, nos campos, tenro novilho, mas vais te approximando, nostalgias dos paramos aninham-se nos teus olhos, lá vens vindo de vagar, e a vida de anachoreta enche-te de bíblica, philosophica resignação. Batem-te os outros; e mal te enamoras e arreitas uma novilha medrosa, eis que te vão buscar, plúmítico pastor, entre as ovelhas que já se confiavam á tua protecção e te fanam a virilidade nascente, e eis que voltas ao jugo, á gléba, já repassado da saudade que em teus olhos eu leio, já cheio da serenidade que eu admiro, da Fortaleza, da Paciencia, da melancolica imponencia que eu adoro, da doçura que eu amo, da natural philosophia, da estoica indifferença com que caminhas para o jugo, com que ruminas, com que pasces, com que vens para mim, para minha bocca, para tua morte...

Para tua Morte? !... Que de tolices te dizia eu! Morres, como eu, sim, mas não te anniquilas... E' a tua recompensa. Na tua morte é que está a tua inteira gloria, lá é que se manifesta a importancia da tua individualidade; nella está a tua bemaventurança, principia com ella o fim invejavel da tua afanosa, attribulada vida — a morte é o começo da tua immortalidade.

Não te anniquilarás, como eu, não morrerás de facto, eterno martyre, preciosa, adoravel besta! Morto, eis que tu resurges para a mesma vida intensa, para uma nova vida activa, de trabalho e de paz, ao mesmo sol, á mesma luz; ao mesmo sol que te criou nos campos, á mesma luz que te illuminou nos campos. Vaes dar o teu sangue generoso, que na de continuar a viver nas minhas veias; vaes alimentar centenaes de vidas.

Morto, abatido na tua sangueira, esfolado, descornado, estirpado, esposteado nos guindastes, retalhado no açougue, começa a irradiar a tua grandeza, a grandeza do teu prestimo, nas multiplas pircellas de teu ser. Eis-te vibrando na mesma existencia util. Vem ver tu mesmo, tu que não morres, tu que por toda parte és, e em todos os misteres estás.

Deixa-me apontar as modalidades da nova existencia em que te multiplicas post-mortem; deixa-me apontar-as uma por uma com a ponta deste elegante Petropolis de gentleman, de dandy ocioso, feito daquelle penetrante ponteiro com que, como um Socrates de outro genero, pela academia livre dos campos, em silenciosas mas eloquentes prelecções de encher d'agua a bocca dos bezerros desmamados, apontavas aos garrotes invejosos do teu talento agudo, nas taboas, o algarismo significativo da tua p steridade, pondo zeros a direita, não sommando, patriarchalmente operando, religiosamente, biblicamente povoando os campos.

Sim deixa-me mostral-as todas, e uma por uma, com esta defensiva e protectora canna, mais temivel do que uma cornada tua, mais contundente do que um knut, com que fazias berrar outr'ora, em monstruosas genesis, ao teu amplexo apocalyptic, as novilhas esquivas que mugiam á tua violencia, á agudez do teu almo estylo, como si do fundo daquelle prazer se tivesse acordado, num brado, de susto, por suas boccas, a dor, que lhes dormia no ventre.

Vem ver tu mesmo. Morto, vaes renascer para o mundo: eis os teus chifres symbolicos, que ás vezes idealmente infeitam abatidas fronteiras, realmente transformados em guampas de espirituosos elixires e no isqueiro dos sertanejos, em cornucopias, em pentes a desembaraçar bastas, perfumadas comas; em artisticas farinheiras e fructeiras elegantes a ornar as mezas postas. Eis as tuas ungulas aureoladas de prata, transformadas em cornimboques para regalo dos velhinhos... e gaudio nosso.

Das garras do teu couro resistente vão fazer alpercatas os pedestres, e a tua rica pelle vae se transformar em mil cousas, em cem misteres; e até de teus ossos incinerados hão de surgir, para se nutrirem os anemicos, os bastões de phosphoro biologico, de phosphoro elementar. Sobre os teus despojos mortaes montam-se officinas, surgem artifices varios: pululla a vida, cortumeiros, sapateiros, selleiros... e corrieiros, em cujas mãos, de redondo — de novello — tu te espichas num sem numero de incommensuraveis cordas, numa infinidade de cabedaeis officinaes e artisticos. E de que foram feitas aquellas canastrinhas que lá vão de viagem, não me dirás tu, contemplativo Boi?

De que foram feitos aquelles surrões das azemolas que lá sobem dos moinhos?

Donde veio o cabedal dos meus alforges, util creatura? Quem ainda me serve nesta sella? quem me sustenta o estribo para que eu não caia? Donde se tiraram os correões que fazem andar as officinas, os laboratorios, as fabricas, onde a industria progride, a humanidade avança e evolue, onde a vida ferve e fervet-opus, incançavel animal? Com que se castigam os rebeldes, com que se educam os peraltas, austero Boi? Com que se fabricam as

tiradeiras de labor, os cabos e os tirantes para se moverem os engenhos, para se arrotearem os campos e se recolherem as messes? O' do milhão de energias em que tu te multiplicas, a utilidade da tua morte!

Nella tua grandeza se irradia, nella tu te immortalisas! Como não hei de te adorar, como não hei de te querer bem, velho amigo Boi, velho protector, pois que por toda parte, Boi morto, surges, pois que por toda a parte, grande morto, me proteges... E por esse caminho fóra, de pés resguardados dos pedregulhos nas alpercatas que me deste, as carnes defendidas dos cardos e das urzes nas polainas que me proporcionaste, de cavalleiro ou de pedestre, por toda parte, a toda hora, se me depara a tua caveira que havia um dia levado a fartura á choupana do lavrador, alva, alegre, a rir aos passantes do alto de um esqueleto do tapume carbonizado das roças, protegendo ainda do mau olhado os fejoaes em flor, os milhos verdes, o tapete de veludo reluzente dos arrozacs novos no humus. E os milharaes, os feijoaes, os arrozacs, crescem risonhos e virentes, e se perfillam, e se aloiram, e granam farta-mente á magia daquelle abascantho, á protecção do teu prestigioso agicraneo, da tua alva cabeça fakiriana que abençoa as plantas, attrae e mata o veneno dos olhos máos dos passantes de ida e volta.

Poderia lá não te haver decantado Virgilio?

Ter-se-ia lembrado Ovidio das transformações beneficicas do teu ser nas Metamorphoses, ou és deveras a forma final e chronica de alguma sentada morphose.

Seja como for, em que escuridão andaríamos nós nesta poeirenta e esburacada terra, si não fosse tu? Em que quedas rolariamos, em que trevas tactearíamos, si não fosse o correame que fornecestes para communicar a velocidade das turbinas aos volantes, transformando as energias, para o nosso bem estar, em electricidade e luz? Quem havia de mover as volandeiras? Quem communicaria a força á viação urbana? Quem arremessaria para cá o fluido luminoso? Quem faz, lá de tão longe, numa resistencia heroica, subir os vehiculos magicamente por esses viarios ingremes?

Não deveríamos nós te render culto? E poderia eu te negar esse preito, Boi que me protege, Boi que é meu alimento, Boi que me alumia e que depois de te haver privado do leite a meu favor, depois de me haver lavrado o campo, e recolhido as messes, e fecundado as olgas e abastecido os colleiros, morre para servir melhor ainda, para me defender até levando para o fim, os meus restos ao tumulo arreando os muares e os vehiculos funebres. Bafejas o Christo recém-nascido e encadernas a Biblia. Fazes a deliciosa cama do tropeiro, e és—ó ideal ressurreição, ó mystico, ó venturoso ideal!—és o convento austero donde eu estou a ver sair phantasticamente, a officios, para vigílias, ás Ave-Maria, soror Bugia, soror Stearina, que correm a guardar a nossa cabeceira, e vêm nos allumiar as noites e nos conciliar o somno!

Transformas-te em luz! E ainda para coroar a obra da tua impagavel generosidade e das tuas beneficicas transformações cadavericas, ainda por horas mortas—ó venturoso ideal, ó ideal romantico! voz dolente de Stradivarius a gemer em serenatas ao luar sob os balcões, sob as fenestras da alcova dos namorados!... ó dramaticas tristezas, sulphureos odios, negros ciumes de Othello, magicas ressurreições de passados remotos, agonias de Desdemona, loucuras de Ophelia, ó extraordinarias paixões que revivem nas cordas e que nas cordas se transmittem!—enchendo de feerismo as nossas noites, embalando os nossos pensamentos, arrebatando as nossas almas nas melodias divinas das orquestras, o teu ventre, feito cordas sonoras, continua a vibrar magicamente em plangencias, em lastimas, em imprecações, em soluços doridos, na interpretação dos Verdi e dos Wagner, em basso-profundos enervantes, em cavos suspiros, nos bovinos mugidos dos contra baixo e dos violões, no grave gemido musical dos violoncellos!

Eu, não. Eu apodreço. Não sirvo de nada em vida; morto, não presto para nada. Si não nascido seria o mesmo. E para comer e para viver tudo anniquillo, tenho o protervo prazer de crear para anniquillar; rasgo o seio da terra, sulcos os campos, escravo os meus proprios semelhantes; derrubo as mattas, queimo as florestas, roubo-te o leite, faço-te cumprir, mato-te para ainda e ainda melhor me utilizar de ti... Sou fragillimo, sim, sou miserrimo... Não sei mais viver sem ti... E's quem me alimenta, quem me protege; e depois de morto fazes a delicia de minha vida... O' como eu te invejo essa gloria, immortal, retumbante, omnipotente Boi redivivo. Como me humilha tua grandeza divina e benefica—a apothese de luz e trabalho em que resurges na morte! Sou fragillimo, sim, sou miserrimo...

Si bem que eu na natureza queira me erguer sobre a terra, e surja procurando o alto, e me erija a prumo, orgulhosamente, na vertical de nobreza de uma torre fidalga, em quanto tua espinha se estende baixa e chã na horizontal humilde de um dolmen disforme em que tu te avolumas, qual é a minha missão deante da tua extraordinaria missão?

Vivo, malvada, sanguinolenta besta, de nada sirvo; morto, repugnante materia, não presto para nada. Até me repellem, me eliminam da luz, fazem-me desaparecer em cahoticas, incognosciveis trevas em que não me transformo como tu altruisticamente para o bem e para novos scenarios, nem me transformo em pão, nem me transformo em luz, e nem a oirama que eu levo nos dentes não se arranca, não se aproveita, nem os anneis que eu levo nos dedos não valem de nada, ninguém n'os quer, ninguém n'os quer!

Silva Guimarães

MIRAGEM

(PARA O ABILIO BARRETO)

... E o beduino caminha... enquanto o sol escalda
Os areaes da Lybia. E além, no azul suspensa,
Campa a sombra aromal que a miragem desfralda
—Entre os raios do sol e a nevoa que se adensa—

Ao oasis que se apaga, outro succede... A' espalda
Lança o albornoz que alveja... e na amplidão extensa,
Tres vezes illudida, os punhos crispa, e, balda
De forças, tomba emfim a victima da crença...

—Do Ideal Beduino, assim verás uma por uma
As glorias se esfolhando ao destrançar-se o estemma,
O estemma da Illusão—miragem que se esfuma...

A gloria, pois, que vale — ephemero diadema ?
Se em jorros cuspirás — qual onda cospe a espuma—
No derradeiro esforço... a aspiração suprema.

Fernando de Azevedo

A CULTURA PHYSICA



Photographia dos diversos teams de foot-ball do Gymnasio Anglo Mineiro, vendo-se, ao alto, o director e alguns professores do respeitado estabelecimento

Morte perfumada

«Bilac, si eu morrer antes de ti, tu me deramarás sobre o peito um vidro de *Victoria Essencia*.»

Nessa espantosa tragedia de 19 do corrente, desenrolada no saguão do *Jornal do Commercio*, do Rio, e que teve como protagonistas dous reputados homens de letras,— a phrase acima transcripta se destaca, num relevo novo e lustroso, como reveladora da delicadeza de uma doce alma de poeta.

Foi pronunciada, certa vez, por Annibal Theophilo, a victima da sanha cruenta de seu irmão em letras. E o principe dos poetas brasileiros, com os olhos ennevoados de la-

grimas, satisfez o desejo do inditoso amigo, perfumando-lhe o cadaver com o aroma predilecto.

E, assim, com o corpo ungido e trescalante, baixou á cova escura e fria aquelle que, em vida, trazia a alma banhada sempre nos suaves effluvios da inspiração e perfumada pelas flores immarcescíveis da poesia.

Essa fina essencia que mão amiga lhe vasou, gotta a gotta, sobre o peito amigo, certo bastou para mundificar-o do sangue generoso que mão covarde sobre elle derramára.

Mas, o que nada conseguirá expungir é a mancha que tal sangue deixou na mão assassina, mancha que, como a da mão de Macbeth, da tragedia shakspeariana, nem todos os perfumes da Arabia poderão apagar

Vida de Minas



Senhorita Cecilla Gomes Teixeira

(Here's the smell of the blood still: all the perfumes of Arabia will not sweeten this little hand).

Foi um fratricídio esse tão cruel como o primeiro fratricídio dos tempos bíblicos, porque teve também como movel o sentimento mesquinho e subalterno da inveja.

A sociedade ferida profundamente com a offensa irrogada a um de seus membros prestadios, dirá ao matador descoroavel o mesmo que, outr'ora, o Senhor disse a Caím:

«A voz do sangue de teu irmão grita, da terra, para mim.

Serás, portanto, d'ora avante, maldito sobre a terra, que abriu sua bocca para receber

o sangue de teu irmão, que tua mão derramou. (*Vex sanguinis fratris tui clamat ad me de terra. Nunc igitur maledictus eris super terram, quae aperuit os suum, et suscepit sanguinem fratris tui de manu tua*).

E esse perfume que Bilac aspergiu carinhosamente sobre o amigo morto passará a ser um symbolo, pois será balsamo da saudade que impede que a memoria dos seres queridos se decomponha, se esphacele, se gaste e se anniquille, como a fôrma passageira e ephemera que cada um de nós reveste, neste mundo, por alguns instantes.

Si os livros são mesmo almas embalsamadas, — a do mallogrado poeta que acaba de succumbir nessa tórva emboscada continuará a viver e a cantar nas *Rimas*, que espalhou em vida.

Foi também uma alma sonhadora que affirmou que os filhos das Musas, quando se partem da terra, se transfiguram, — como diz Ariel, — em alguma cousa de novo e brilhante. O doce ruído de seus versos canta em torno de seus tumulos, e as gerações, umas após outras, vêm escutar aquella voz. Ella é eternamente joven e pura. Só ella sobrevive.

Junho — 23 — 915.

AURELIO PIRES.

—*—
Sino, coração da aldeia,
Coração, sino da gente :
Um a sentir quando bate,
Outro a bater quando sente.

—*—
As tristezas também trazem,
A's vezes, consolação :
São como as sombras que fazem
Signaes de lucto no chão.

Ao rodar do trem...

... E embarquei ... A' frente, tres padres sebaceos, serpenteados por rosarios infindos, falavam o doce idioma de Goethe (doce, — Deus me perdoe!). Eram missionarios, iam pregar as palavra do Senhor, enquanto lá longe, na terra que o Rheno beija, seus patricios teutões se despedaçam na Grande Guerra desesperadora. Lá iam nédios, felizes pregar a paz divina aos povos bons de Contagem das Aboboras... Maganões!

Dois caixeiros-viajantes, latagões conversadores, filhos da Luzitania, cuspinhavam censuras acres ao Brasil, á emissão que não se fazia, ás *sabinas* que nada valem, ao senador fulano, ao ministro tal. Impiedosos, esses cometas, da terra do meu amigo Eça! Nada lhes serve aqui nestes brasis onde passei a cauda immensa de sua ignorancia trevosa. "Eu, si fosse o Pinheiro, — faria isto..." E era o diabo, o que faria *seu* Manél, si fosse o Pinheiro. E eu, — diz — um rapazola gorducho, com brilhantes no dedo minimo e um modo atrevido d'averrumar olhares ás senhoras, — eu, si fosse o Wenceslau, havia de.... E cuspi um palavrão, para melhor exprimir o que elle faria, se fosse o Wenceslau.

Tres caipiras, apertados em botinas brancas de couro de veado, chapelões enterrados na cabeça emaranhada de pellos crespos, babando grosso cigarro de palha, deixavam ver sua admiração inexpressiva, atravez da bocarra semi-aberta. Estavam achando deliciosas as theorias dos cometas. E, concordando, quasi desejavam que fossem aquellos patifes "donos disto aqui para concertarem esta gaita". Eu media com os olhos patrioticos o tamanho normando daquelles avantajados filhos de Traz-os-Montes, e, medindo com os olhos da alma a

integridade de minha pelle delicada, deixei os monstros, passando em paz para outro carro.

Ali a cousa correu mansa, delicadamente. Um casal novo em folha, — fresquinho. Uma rapariga magrinha, d'olhares ladinos, assim com ares de cõrsa arisca. E lá iam os tres...

Avisinhei-me, empossando-me duma pol-

trona empoeirada. Lia, com gosto, o bello volume de Alberto Rangel, — *Quiuzenas de Campo e Guerra*. Ao fim d'algun tempo, um dialogo amistoso me despertou a attenção. Era numa *gare*. O trem parou e os passageiros tomavam café. Os tres padres corpulentos que, não sei porque, passaram para o meu carro, comiam com gula fatias de pre-

2 NOTAS SOCIAES



Senhorita Bellinha Amador

sumpto, pão e manteiga. E falavam calorosos. Percebi que era assumpto transcendental e não os reparei mais, deixando os santos missionarios digerir a elevada "Kultur" na mantegosa *Sandwich* que elles liquefaziam em vinho chupado no mesmo gargallo de garrafa.

NOTAS SOCIAES



O desembargador Lymirio Celso da Trindade, chegado do Acre, foi recebido na estação por nune osos amigos aos quaes offereceu lauto almoço em sua residencia, onde o nosso photographo apanhou o grupo acima

E o dialogo que, como lançadeira, ia e vinha em perguntas da janella para a gare e daqui para alli, terminava, num crescendo affectuoso de vozes:

— Quando “foram” que Vocês casaram ?

— Hontem e embarcamos hoje. Adeus, boa viagem, muitas felicidades, boa viagem, boa viagem !...

O trem, rangendo de novo o seu rodar, cortava o ar com apitos estridulos que mais pareciam gritos de mulher histerica. Já agora não percebo nada da leitura. Finjo ler as *Quizenas*, atravez de cujas paginas magistraes, bôto os olhos furtivos para o oleoso rel daquella viagem de nupcias.

— Emprasta-me tua alliança, Milóca, — diz aquella mocita brejeira que me chamou de feio. E Milóca, a noiva feliz, negou-se a emprestar o anel dos esponsaes. “Eu, não. Está doida ? Dizem que faz brigar”.

E, deliciosa, explicava, numa simplez que me enchia d’agua a bocca: — “Olha, dizem que no céu ha um queijo e uma faca. Está intacto. E’ para o primeiro casal que lá en-

trar sem ter brigado na terra. Não dou a minha alliança, faz rusgas e eu desejo partir o queijo lá no céu...”

Elle, o marido, estava todo derretido. Parecia um mamão macio em caldas d’assucar. De vez em quando, uma beijôca boa, demorada, naquelle pecego, que era a polpuda boquinha de Milóca. E eu tinha sede, eu ardia, eu estava feroz, mas *lia, lia*, sem parar as minhas *Quizenas*, o livro mais encantador que jamais me cahiu ás mãos.

E Milóca, sem ter querido emprestar a alliança á mocinha esperta que me chamou de feio, tornou-se silenciosa, quasi apprehensiva. Suas faces iam, ao de leve, tornando-se coradas ainda mais. Os olhos mais scintillantes. De quando em vez, ella passava as mãosinhas por elles, assim como tentando afugentar do espelho claro daquellas pupillas, alguma mosca vadia que adejasse imprudente. E não era mosca. Parecia mais vagalumes. E não eram vagalumes. Certamente outras estrellas, despeitadas irmãs daquelles olhos luminosos que vinham, —

Mida de Minas

invejosas! — impanar a luz doce daquellas constellações...

Que tens? — Sei lá... estou com as faces a arderem. Uma dôrsinha de cabeça, creio que uma pontinha de febre.

E elle, triumphante, tal medico novo orgulhoso de sua cliente, cuja molestia já percebe sem mais delongas, affirmava decidido, definitivo: — Não ha de ser nada. Fo am as laranjas, filha, foram as laranjas que te fizeram mal. Ella poisou os grandes olhos de velludo no olhar risonho do marido e, baloiçando docemente a cabeça, concordava num sorriso claro de ventura: Sim, foram as laranjas...

O trem, cansado, resfolegando, pondo a alma pela bocca, para a carreira rangenta, soprando fagulhas. Desembarcamos. Cheguei tambem. Cheio de pó, de fadiga, de tudo que é ruim, e até com a alma envelhecida, assim como quem se tantalisa num supplicio satânico. Sinto dôr de cabeça. Tenho tambem uma pontinha de febre. Que será? Eu não chupei laranjas...

E corto agora as azas á minha penna. Estou vencido numa fadiga de finalidade. Tenho pó dos pés á cabeça. Pó, muito pó.

Até já me fere a lembrança aquella advertencia funebre, fatal, desoladora: — *Memento homo...*

Si eu morrer hoje, no isolamento deste quarto de hotel, fiquem sabendo os senhores do meu grande pesar, de minha pena profunda, de que me queixarei a S. Pedro, aquelle pedrinho catita dono das chaves: é não ter feito jamais uma viagem de nupcias com uma Milóca que eu sei... — **M.**

Rosa sangninea de lume,
Tens da mulher os carinhos:
Captivas com teu perfume
E arranhas com teus espinhos.

Quando alguem tem motivos para queixar-se de um amigo, convém separar-se d'elle gradualmente, e, desatar, de preferencia a quebrar, os laços de amizade. — *Gafão*

VISÕES DA GUERRA



Aspecto de uma das principaes ruas de Yprès, após o bombardeio

NOTAS SOCIAES

Eu nunca vi mais traquinas,
Mais graciosas e tafues
Meninas, do que as meninas
Dos teus dous olhos azues.

X.

Os mais bellos olhos, para mim, são os
olhos rasos d'agua. — *Rostand.*

Si eu fosse pintor, poria
Todo o afan e todo o gosto,
Em passar para uma tela,
A tela deste teu rosto.

FELIX D'ARRUDA

Numa occasião, sósinho no meu quarto,
eu considerava uma rosa branca que emmur-
checia num copo, tão triste! Disse-lhe assim:
Tu soffres!

Ella curvou-se mais sobre a haste, acquies-
cendo, e vi-lhe duas lagrimas nas petalas.
Nunca pude saber quem fosse essa mulher.

Fialho d'Almeida



Senhorita Quita de Almeida

NAUFRAGOS DA VIDA

(HARAUCOUR)

ARROJOS QUE SE VÃO SOBRE AS ONDAS BOIANDO...
ALMAS QUE O MAR DA VIDA ARREBATA NAS VAGAS,
E QUE SEM RUMO VÃO, COMO DOUDAS, ERRANDO,
LONGE DA ENCOSTA IDEAL E DAS SAUDOSAS PLAGAS.

FARRAPOS DE ESPERANÇA, ANDRAJOS DE ALMA AFLITA
VELHAS RUINAS DE NAU -- FINAL DE LEDO ENGANO --
SONHOS, ASPIRAÇÕES -- TUDO SE PRECIPITA,
VAI-SE ABISMAR POR FIM, NAS ENTRANHAS DO OCEANO.

UM MOMENTO FUGAZ A HUMANIDADE AVANÇA;
DEPOIS, GROTESCAMENTE, ESSA ETERNA CREENÇA
DEZANIMADA CAÍ, COMO O BARCO QUE ADERNA.

CORAJENS, ILUZÕES, ANCEIOS E ESPERANÇAS
SOSSOBRAM, E POR SOBRE AS ULTIMAS LEMBRANÇAS,
PASSA A ONDA DO TEMPO A ESPONJA IMENSA E ETERNA..

JOSE' ALFREDO

VILLA BRAZ — 1913.

O SONHO DO RIO DAS VELHAS

O' Guaicuhy de outr'ora ! em teu lendario seio,
ao sonoro rumor das aguas ondulantes,
scismavas, a rolar, serenamente, alheio
às igaras subtis de ousados bandeirantes.

Viste-os passar por ti, aos mil, no ardente aneio
de esmeraldas colher, cubiçados diamantes...
Mas ficaste. E, a serpear destas plagas em meio,
sonhas ainda feliz, tranquillo como dantes...

Só teu sonho restou do ephemero cortejo,
porque elle não provem da ambição, do desejo,
mas da ternura ideal que essa tua alma invade.

E hade sempre animar tua suave cantiga
emquanto o alimentar a doce vista amiga
dessa visão azul — a Serra da Piedade!

Em viagem, aos 6 de maio de 1915.

JULINDA ALVIM

INTELLECTUALIDADE MINEIRA



Silva Guimarães é uma das figuras mais impressionantes entre os intellectuaes mineiros. *Conteur* scintillante, com uma maneira própria, bizarra e surpreendente de dizer, Silva Guimarães é um digno continuador da penna do velho Bernardo, de quem é filho.

Ossa Mea, sua estrêa, sagrou-o um dos mais notaveis contistas brasileiros.

A forte pagina literaria do primoroso estylista mineiro, hoje estampada nesta revista, é um dos seus mais bellos trabalhos. Nessa vibrante apothose ao Boi — «symbolo da Fatura, da Fecundidade, do Trabalho, da Resignação e da Paciencia», o vigoroso intellectual offerece ao nosso mundo culto mais um lavor literario digno do seu nome admirado e merecedor de extremos de carinho.

Minha velha, fia, fia...
Retorce o fuso no ar!
Como branca nuvensinha,
Váe por cima da cestinha
Este algodão a voar!

Elias Barrão

Romance de Fabio Luz

Fabio Luz acaba de enviar-me o seu ultimo livro. E' ainda sob a grata impressão da leitura do seu bello trabalho, que traço estas notas ligeiras sem pretensão de fazer critica.

Não ha melhor prova,—subjectiva pelo menos,—do merito de um livro que acabamos de ler, do que o desejo de, voltada a ultima pagina, recommençar a leitura para mais reavivar as sensações que nos produziu nalma e o fino prazer intellectual que nos proporcionou.

Foi o que aconteceu commigo, relativamente ao romance *Elias Barrão*, de Fabio Luz.

Do auctor eu conhecia, já, o *Ideologo* e os *Emancipados*, novellas promissoras em que as tendencias socialistas do illustre escriptor bahiano se affirmavam em bellas paginas embora nem todas, sob o ponto de vista philosophico e religioso, merecedoras dos meus applausos.

Lêra, tambem, *Virgem Mãe*; e habituara-me a admirar o formoso talento desse novelista modesto que, vivendo num meio literario, como o Rio, onde as competições e intrigas das rodinhas seduzem tantos espiritos com os ouropéis de uma gloria ephemera, tecida de futil prosapia, de arrogante insolencia e de infecundas invejas, soubera insular-se na recatada e fecunda penumbra da sua arte, estudando, observando e escrevendo.

Pode bem ser que para a admiração que consagro a Fabio Luz tenha contribuido, alem do merito intrinseco de sua obra literaria, o ter reconhecido em sua alma essa fidalguia affectiva de provinciano, tão rara em escriptores que, nascidos alhures, vão triumphar no Rio.

Acolhendo com sympathias e estimulos os literatos dos Estados, Fabio Luz é, no meio literario carioca, um desses raros espiritos para os quaes o Brasil intellectual não se restringe á porta do Garnier ou ás *terrasses* da Avenida.

Mas, vamos ao seu ultimo livro.

Elias Barrão é, para mim, o melhor e o mais vigoroso trabalho de Fabio Luz.

Isso, aliás, é natural, tratando-se de um espirito investigador como o seu e que, não descansando sobre os louros conquistados, busca continuamente aprimorar as proprias qualidades, pelo estudo diuturno e pela observação constante.

Em *Elias Barrão*, deu-nos Fabio Luz um bello romance brasileiro, mas um romance

que os uniam e que, por uma perversão, continúa a amar a desventurada, sciente embora da fatalidade.

Varesco Luigi, o marido de Ema, é outro typo bem estudado. É um colono italiano que vem para o Brasil com um patricio, Breno, propagandista de utopias socialistas. Luigi torna-se discípulo de Breno e casa-se com Ema, sobrinha de seu mestre.

São paginas empolgantes as em que descreve o auctor a furia do amor ultrajado de Luigi, a sua viagem ao Rio para levar a effeito a sua vingança, a pertinaz investigação com que procurava colher noticias do paradeiro de Elias e de sua amante.

Ema é outra figura feminina que provoca piedade, na sua ingenua illusão de encontrar um coração ardente que lhe corresponda aos estos merdionaes de um amor hallucinante.

Leviana, mas guardando certa dignidade em sua queda, facil mas sincera nas suas demasias affectivas, ella se revolta contra os caprichos abjectos e as degradações de Elias e redime a culpa de seu breve adejo sobre a vasa impura, desarmando a vingança de Luigi com um beijo de arrependimento e de reconciliação.

Uma figura que não me agradou foi a de Annita, a ceguinha. Mais natural seria, nas suas condições, que fosse menos *espetada* e mais ingenua.

Paginas vigorosas e evocativas não faltam no livro.

Algumas emocionam como as que descrevem o enterro do pequeno Francesco e as que narram o sonho de Luigi na hospedaria.

O estylo de Fabio Luz é simples, sobrio, sem preciosismos e extravagancias.

A linguagem é, salvo um ou outro deslize venial, correcta.

Em resumo: analyse feliz de alguns aspectos da «civilização requintada que vive nas cidades, corroe o sangue dos paes e dá, como herança, aos filhos irresponsaveis, os vícios organicos e as taras psychicas». *Elias Barrão* é o trabalho de um romancista—moralista impressionado, com os graves defeitos da organização social contemporânea.

Não procurei catar os provaveis sinões do livro, porque tenho horror á função de critico.

A impressão geral que me deixou *Elias Barrão* foi muito boa.

Fabio Luz, segundo penso, acaba de publicar um bello romance, superior aos seus trabalhos anteriores e no qual pujantemente se affirmam as suas qualidades de escriptor.

Resta-me enviar-lhe os meus applausos sinceros pelo seu novo triumpho.

Mario de Lima



Alferes Herculano de Carvalho e Silva,
correcto official da
Força Publica do Estado de S. Paulo

EM assembléa geral realizada a 10 de abril ultimo, os accionistas da União Paulista, importante companhia com séde na capital de São Paulo, á rua de S. Bento, 68, não só elegeram para o cargo de director presidente, que se achava vago, o dr. João Olavo do Couto, illustrado medico paulista, como tambem resolveram elevar o capital social a 100:000\$000, realizados, e reformarem os seus estatutos de accordo com as exigencias do decreto numero 11.492 de fevereiro passado, do Governo Federal.

Com essas modificações em seus estatutos a União Paulista requereu á Delegacia Fiscal do Estado de S. Paulo a concessão de uma carta patente, que lhe foi concedida.

Notavel tem sido o desenvolvimento e a prosperidade da União Paulista, pois, fundada a 31 de janeiro de 1911, fez o primeiro sorteio aos seus associados a 15 de abril do mesmo anno, e devido ao escrupulo e á honestidade de suas directorias, logo se impoz á confiança publica, tornando-se hoje a primeira entre as suas congêneres. Todas as suas séries estão ao alcance das classes menos favorecidas.

A superioridade da União é indiscutivel não só porque distribue maior numero de peculios, 90:000\$ por mez, como tambem porque as innumerables bonificações são pagas em moeda corrente. Os haveres sociais, que são liquidos, estão depositados no Thesouro do Estado de S. Paulo, na Caixa Economica, em varios estabelecimentos bancarios, em titulos de cotarção e em emprestimos por cações, o que quer dizer que os seus haveres não têm valor illusorio.

Não devemos omitir que os pagamentos de 20, 10, 6, 5, 3, 2, 1 contos de réis, e outros menores, são feitos integralmente, correndo por conta da sociedade o imposto ultimamente creado pelo Governo Federal.

Em Minas tem a União Paulista innumerables socios, mórmente em Bello Horizonte, cuja agencia é á Avenida Floriano Peixoto n. 1.240, a cargo do sr. Alferes da Silva Gualberto.

que os uniam e que, por uma perversão, continha a amar a desventurada, sciente embora da fatalidade.

Varesco Luigi, o marido de Ema, é outro typo bem estudado. É um colono italiano que vem para o Brasil com um patricio, Breno, propagandista de utopias socialistas. Luigi torna-se discípulo de Breno e casa-se com Ema, sobrinha de seu mestre.

São paginas empolgantes as em que descreve o auctor a furia do amor ultrajado de Luigi, a sua viagem ao Rio para levar a effeito a sua vingança, a pertinaz investigação com que procurava colher noticias do paradeiro de Elias e de sua amante.

Ema é outra figura feminina que provoca piedade, na sua ingenua illusão de encontrar um coração ardente que lhe corresponda aos estos meridionaes de um amor hallucinante.

Leviana, mas guardando certa dignidade em sua queda, facil mas sincera nas suas demasias affectivas, ella se revolta contra os caprichos abjectos e as degradações de Elias e redime a culpa de seu breve adejo sobre a vasa impura, desarmando a vingança de Luigi com um beijo de arrependimento e de reconciliação.

Uma figura que não me agradou foi a de Annita, a ceguinha. Mais natural seria, nas suas condições, que fosse menos *espeitada* e mais ingenua.

Paginas vigorosas e evocativas não faltam no livro.

Algumas emocionam como as que descrevem o enterro do pequeno Francesco e as que narram o sonho de Luigi na hospedaria.

O estylo de Fabio Luz é simples, sobrio, sem preciosismos e extravagancias.

A linguagem é, salvo um ou outro deslize venial, correcta.

Em resumo: analyse feliz de alguns aspectos da «civilização requintada que vive nas cidades, corroe o sangue dos paes e dá, como herança, aos filhos irresponsaveis, os vícios organicos e as taras psychicas». *Elias Barrão* é o trabalho de um romancista—moralista impressionado, com os graves defeitos da organização social contemporânea.

Não procurei catar os provaveis sinões do livro, porque tenho horror á funcção de critico.

A impressão geral que me deixou *Elias Barrão* foi muito boa.

Fabio Luz, segundo penso, acaba de publicar um bello romance, superior aos seus trabalhos anteriores e no qual pujantemente se affirmam as suas qualidades de escriptor.

Resta-me enviar-lhe os meus applausos sinceros pelo seu novo triumpho.

Mario de Lima



Alferes Herculano de Carvalho e Silva,
correcto official da
Força Publica do Estado de S. Paulo

EM assembléa geral realizada a 10 de abril ultimo, os accionistas da União Paulista, importante companhia com séde na capital de São Paulo, á rua de S. Bento, 68, não só elegeram para o cargo de director presidente, que se achava vago, o dr. João Olavo do Couto, illustrado medico paulista, como tambem resolveram elevar o capital social a 100:000\$000, realizados, e reformarem os seus estatutos de accordo com as exigencias do decreto numero 11.492 de fevereiro passado, do Governo Federal.

Com essas modificações em seus estatutos a União Paulista requereu á Delegacia Fiscal do Estado de S. Paulo a concessão de uma carta patente, que lhe foi concedida.

Notavel tem sido o desenvolvimento e a prosperidade da União Paulista, pois, fundada a 31 de janeiro de 1911, fez o primeiro sortelo aos seus associados a 15 de abril do mesmo anno, e devido ao escrupulo e á honestidade de suas directorias, logo se impoz á confiança publica, tornando-se hoje a primeira entre as suas congeneres. Todas as suas séries estão ao alcance das classes menos favorecidas.

A superioridade da União é indiscutivel não só porque distribue maior numero de peculios, 90:000\$ por mez, como tambem porque as innumerables bonificações são pagas em moeda corrente. Os haveres sociais, que são liquidos, estão depositados no Thesouro do Estado de S. Paulo, na Caixa Economica, em varios estabelecimentos bancarios, em titulos de cotação e em emprestimos por caução, o que quer dizer que os seus haveres não têm valor illusorio.

Não devemos omitir que os pagamentos de 20, 10, 6, 5, 3, 2, 1 contos de réis, e outros menores, são feitos integralmente, correndo por conta da sociedade o imposto ultimamente creado pelo Governo Federal.

Em Minas tem a União Paulista innumerables socios, mórmente em Bello Horizonte, cuja agencia é á Avenida Floriano Peixoto n. 1.240, a cargo do sr. Alberto da Silva Gualberto.

PELO MUNDO

Uma representação deante de criminosos condemnados á morte

por Sarah Bernhardt

De recente numero da revista ingleza "Pearson's" traduzimos para esta secção o seguinte episodio da vida da "divina Sarah", contado pela mesma extraordinaria artista que, depois de ter maravilhado mais de uma geração, no novo e no velho mundo, e apesar de haver soffrido a amputação de uma perna, promette reaparecer em breve no palco.

Um dia recebi a seguinte carta:
«Senhora, Nós somos seis homens condemnados á morte. O nosso unico desejo é vêr-vos e ouvir-vos. *Tende* piedade daquelles que vão morrer; respondi—«Sim»—, e o nosso Governador vos enviará

então um pedido formal».

Sem hesitação respondi — «Sim»; o convite veio, e eu accedi.

Tenho visitado quasi todas as prisões

da Europa. Estremeci de horror nos cubiculos das fortalezas de Pedro e Paulo, em Petrograd,—cubiculos que dão para o Neva, o qual, quando transborda, se torna o executor dos prisioneiros politicos; vi as terriveis prisões da Hespanha, com seus cubiculos carcomidos pelo tempo; estive em muitas penitenciarias de França — celebres pela ironia das inscrições gravadas nas portas: «Liberté! Egalité! Fraternité!» — mas nunca imaginara cousa alguma semelhante á prisão de Saint Quentin, na California.

O edificio está situado em uma encantadora península; a estrada que conduz até lá desenrola-se ao longo de um dos *fiords* da bahia de S. Francisco. Percorri-a toda em automovel, com sadio prazer, até alcançar St. Quentin.

Ha um grande parque em volta da prisão, e as janellas têm a forma das cathedraes — com barras de ferro, é verdade, mas de ferro rendilhado, com molduras delicadas. Ha marmore por toda a parte, e em toda a parte desabrocham perfumosas flores — e isto em Fevereiro!

Logo que o carro ganhou o jardim, souu a Marselheza. Levantei-me e avistei varios musicos vestidos com costumes listrados de flanela branca e preta. Ouvi de pé o nosso hymno nacional, e agradei commovida. Cumprimentei o regente, que se dirigiu a mim, e me beijou a mão — era um francez. Ao notar a minha admiração por ver um musico francez naquella prisão, disse-me em tom mui natural e galante:

Era um espectáculo unico. O vasto pateo estava coberto de bancos, onde se sentavam dois mil ou mais prisioneiros. No canto direito, estavam os seis condemnados á morte.



«Oh ! somos quasi uma pequena colonia de prisioneiros francezes !»

Recostei-me nas almofadas do carro.

«Todos os homens com listras pretas são prisioneiros, e esta é a fita da prisão, continuou elle».

Um desagradavel tremor invadiu-me. Afastei-me e perguntei qual era o crime do regente.

«Oh ! não é um prisioneiro importante», disse-me o Governador, em inglez. «Elle falsificou 100.000 dollars. E' um falsario».

Isto confortou-me um pouco. Em todo o caso, não era assassino.

O automovel deslizou mais e parou deante de uma bellissima casa onde viviam o governador e sua familia.

Vesti-me no quarto de sua mulher. Era uma senhora encantadora e falava com emoção dos seus caros prisioneiros. D'ali fui á prisão; no pateo erguia-se um pequeno palco bem aparelhado. Tinhamos mandado os scenarios da peça «Uma noite de Natal sob o Terror.» Não havia illuminação electrica, mas o sol radiante suppria bem a falta.

Era um espectáculo unico. O largo pateo estava coberto de bancos, onde se sentavam dois mil ou mais prisioneiros. Os guardas immiscuiam-se entre elle, e, no canto direito, um grupo, estavam os seis condemnados, com alguns guardas. Dois delles toram-me apontados como destinados á forca dois dias após — um grego e um americano. O grego tentára suicidar-se naquella manhã e trazia em volta da pallida fronte uma faixa tinta de sangue. Havia cerca de 30 mulheres prisioneiras, mas não em traje especial. Uma dellas era muito elegante e esbelta, joven, e sympathica, com um toque do sol na face rosea; tinha estrangulado um sobrinho menor, de 5 annos, com o intuito de herdar-lhe as propriedades.

Logo que cheguei, fui saudada com alegria, ao som da Marselheza.

Ao pizar o primeiro degrão da escada que ia ter ao palco, fui surpreendida por um joven forçado, que me fazia alvo da sua «kodak».

Orçava entre 25 a 28 annos, e era extremamente sympathico.

«Que fez este moço?» perguntei, ao impulso de um sentimento affectivo.

«Está condemnado á morte», disseram-me. Foi condemnado ha cinco mezes, mas

sua familia é muito rica, e elle vae appellar outra vez. Graças a esse expediente ganhará 2 ou 3 annos mais de vida. Matou o seu melhor amigo para rehavér 20.000 francos que perdera no pocker.

«Olha», — proseguiu o Governador, apontando um elegante mancebo que passava — «este foi condemnado 7 annos atraz, e creio que viverá alguns annos mais, graças ás tricas da lei. Mas ao fim será enforcado».

«Eu não irei para a forca», disse o joven, voltando-se. «Ou eu fujo, ou então hei de me suicidar.»

O Governador encolheu os hombros e não replicou.

«Que culpa expia elle?» inquiri

«E' um criminoso da peor especie. Degolou, á traição, os dois companheiros em Klondyke, para possuir os seus haveres. E' riquissimo, mas não escapará á punição.»

O espectáculo começou, porém eu me sentia a cada momento ameaçada por um auditorio de 2.000 falsarios, ladrões, assassinos...

Ao fundo, em uma fila atraz da orchestra, estavam as mulheres. Prendeu-me a attenção uma dellas, com o cabelo bem composto, a physionomia jovial; era uma joven de cabellos negros que trazia um laço de fita na cabeça.

Assassinára o marido, e despachara-lhe o corpo, em pedaços, pelo Expresso Americano.

Separada das mulheres brancas, que mesmo na prisão não permitem o contacto de uma preta, — uma negra nutrida ria com estardalhaço ante os gracejos do Sargento La Balafre, a personagem comica da peça; mas notei tambem a sua emoção quando o Conde de Kergand, chorando, tomou entre os braços sua invalida filhinha. As lagrimas rolaram-lhe fartamente por sobre as rechonchudas faces negras. Perguntei o que havia feito ella. Fôra condemnada á prisão perpetua, por ter assassinado o marido; o filho, duas filhas e a aia.

Assassinára com selvageria inaudita; mas na America as mulheres não incorrem na pena de morte, o que parece ser mais logico do que o que prescrevem as leis francezas — uma vez que á mulher não se reconhecem



Dois delles me foram apontados como destinados á forca dois dias após — um grego e um americano. O grego tentára suicidar-se naquella manhã e trazia na pallida fronte uma faixa tinta de sangue.

Mida de Minas

leguaes direitos nem as mesmas reponsabilidades.

Após a representação, fui saudada por um prisioneiro elegante de barba muito escanhoada, que fez um discurso em inglez e em francez; usava borseguim de couro delicado e trazia á mostra um lenço de seda no bolso do paletot. A saudação fôra tocante e bem escripta. O seu auctor era accusado de um desfalque de 5.000.000 de dollars (cerca de dezoito mil contos na nossa moeda) em uma repartição do Estado. Creio que a esta hora já terá cumprido a pena, ou será perdoado em breve.

Prepara-se-lhe um colossal banquete na sua cidade natal, tomando nelle parte todas as celebriedades da terra, e espera-se que será reintegrado no seu cargo, onde prestára excellentes serviços.

Como meu filho Mauricio Bernhardt fosse um dos auctores da peça em que figurei, o discurso do prisioneiro continha este trecho:

«Vosso filho é vosso orgulho, Senhora. Também nós fomos o orgulho de nossas mães.» e os dois mil condemnados applaudiram ruidosamente.

De novo estremei de medo, e tive a impressão de um sonho.

Visitei depois o edificio da prisão. Era um esplendido palácio! Magnifico refeitório; confortaveis cubiculos; banheiros com todos os accessorios; duchas de agua quente e fria; tennis, baseball, bibliotheca. Não exaggero. Vi também um cozinheiro preparando saborosos bifés. «Isto é o almoço dos condemnados á morte», murmurou junto a mim um outro.

O prisioneiro que me acompanhava era de compleição vigorosa, de physionomia moça.

Quando penetramos na sala das execuções, disse-me elle em bom francez:

«Aqui, como a Senhora vê, é a força. Aquelle nó é collocado por traz, e quando o laço fa-

lha, o nó quebra a espinha dorsal e o pescoço torna-se tão fino como o vosso pulso. Eu fui condemnado á morte e depois perdoado. De outro modo teria de por a mascara preta no rosto, e os meus pés no estrado, e... dariam cabo de mim!»

Tentou depois dar-me uma idéa pratica da operação e collocou a corda no pescoço, a mascara no rosto... mas não permitti que fizesse funcionar o alçapão...

Ante o meu gesto, elle alegremente arremessou a mascara a uma cesta.

«As mascaras são queimadas em seguida ás execuções», disse elle, e como eu ficasse surpresa, accrescentou: «Sim; são usadas só uma vez. O condemnado pode ter alguma doença contagiosa, que seu successor poderia apañhar com a mascara! Não teria graça nenhuma!»

Depois saudou-me e retirou-se assobian-do.

Deixei a prisão por entre carinhos. O meu estado mental desafia descripção. Segui logo para o theatro de S. Francisco, onde, uma hora mais tarde, eu trabalhava na mesma peça. Em caminho, tudo dançava ante o meu pensamento: um homem enforcado, negras, photographos e raparigas, — uma bella cabeça envolvida em uma faixa tarjada de preto!

Agitei-me então e gritei por soccorro: uma invisivel mão forçava-me a permanecer sob a ducha do encarcerado!

A chuva tombava em torrentes.

Os meus companheiros respeitaram a minha afflicção, e rapidamente alçaram a coberta do carro.

Sarah Bernhardt



Sarah Bernhardt na sua famosa e preferida criação da tragedia "Phédre", de Racine.

CASA BENJAMIM



IMPORTADORES E EXPORTA-
DORES — MOLHADOS E GE-
NEROS DO PAIZ — VENDAS
POR ATACADO E A VAREJO

DEPOSITO DE ASSUCAR REFI-
NADO E FILTRADO DA SUA
REFINARIA BRAZIL

Rua dos Caetes N. 626
Bello Horizonte

DEPOSITARIOS DAS AGUAS
MINERAES CAMBUQUIRA, A
RAINHA DAS AGUAS

MANTEIGA MINEIRA DA COM-
PANHIA CURVELLANA — CI-
MENTO FRANCEZ E DYNAMITE
CHEDITE

Telephone, 127

Magalhães & Comp.

Successores de J. Benjamim

ALFAIATARIA

— ♦ — DE — ♦ —

E. Wilke



**Encontra-se sempre um
variado sortimento de
fazendas finas e padrões
modernos**

Trabalha-se com perfeição
e elegancia,
por preços modicos



AV. AFFONSO PENNA, 791

BELLO HORIZONTE

High - Life

Confeitaria, Restaurant e Bilhares

— DE —

J. R. Freitas & Comp.

Neste optimo estabelecimento commercial, que acaba de passar por uma reforma completa, o unico capaz de attender escrupulosamente ao publico mais exigente, não só pelo conforto e asseio que se notam ali, como pela sua rigorosa ordem no serviço, encontram-se sempre: conservas finas, biscoutos, doces finissimos, seccos e em calda, pasteis, empadinhas, confeitos, balas, bebidas de primeira, fumo, cigarros e charutos.

Acceitam-se encommendas para casamentos, baptisados, bailes, etc.

BELLO HORIZONTE

Rua da Bahia, 1.060 - Telephone, 361

A Industrial

GRANDE SERRARIA

MARCENARIA E OFFICINA

DE

CARPINTARIA

MOVIDA A ELECTRICIDADE

Garcia de Paiva & Pinto

CONSTRUCTORES

Madeiras e materiaes de construcções

DEPOSITO E ESCRITORIO

AVENIDA TOCANTINS N. 809

TELEPHONE N. 156



BELLO HORIZONTE



